

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. AZIZ NACIB AB'SABER¹

INTERVIEW WITH PROFESSOR AZIZ NACIB AB'SABER

ENTRETIEN AVEC LE PROFESSEUR AZIZ NACIB AB'SABER

AZIZ NACIB AB'SABER (*In Memoriam*)³

JOÃO MAURO ARAÚJO⁴

ADRIANO CAPELO⁵

FRANCISCO ALBUQUERQUE⁵

¹Professor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP).

²Jornalista. E-mail: jmbaraujo@terra.com.br.

³Radialista.

Em abril de 2007, a Universidade Regional do Cariri, no momento da realização do I Simpósio de Geografia Física do Nordeste, decidiu prestar homenagem a um pesquisador ímpar: geógrafo por vocação, cidadão por coração, um dos principais estudiosos das dinâmicas do espaço brasileiro. Espaço esse que o encantou desde tenra idade em seu estado natal, São Paulo, e que o instigou através de tantas viagens Brasil adentro. Mas essa homenagem ocorria por um motivo especial - o professor Aziz Nacib Ab'Saber tinha uma vasta obra voltada para a compreensão dos “Sertões Secos”, como ele mesmo gostava de chamar o semiárido nordestino. Além da Geomorfologia, seu maior foco, os demais elementos das paisagens sertanejas não escapavam de seu olhar astuto e seus questionamentos argutos. O Domínio Morfoclimático das Depressões Interplanálticas e Intermontanas recobertas de Caatingas não foi apenas uma das grandes unidades morfoesculturais classificadas por ele, mas um lugar de fascínio, de descobertas e de grande empatia para um homem que dedicou sua vida à ciência, mas também à busca de cidadania para todos.

Sem condições para a viagem até o Cariri cearense, os “Cariris Novos”, como forma de sua participação no evento que lhe outorgou o título de Doutor Honoris Causa, o professor Ab'Saber aceitou mandar uma fala para o evento. No texto a seguir, está transcrita² essa conversa/entrevista, concedida por ele a um jornalista amigo meu, João Mauro Araújo, e seus colegas, Adriano Capelo e Francisco Albuquerque, em sua casa, em Cotia/SP, no mês de março de 2007. Espero que a simplicidade e a sabedoria deste grande brasileiro motivem muitas gerações de pesquisadores no caminho da ciência cidadã, como fez comigo!

Simone Cardoso Ribeiro
Crato/CE, Julho de 2020

¹ Entrevista como professor Dr. Aziz Nacib Ab'Saber, professor da USP, realizada para ser exibida no I Simpósio de Geografia Física do Nordeste, Crato/CE, em abril de 2007 na Universidade regional do Cariri, URCA.

² Transcrição: Maria Tayane Bomfim Lima; Revisão: Simone Cardoso Ribeiro – junho/julho de 2020.

ENTREVISTA

Bom, em primeiro lugar, eu devo dizer que eu estou muito honroso de que o pessoal lá dos Cariris Novos, da beirada leste, dos sopés da Chapada do Araripe, tenham se lembrado de mim. Eu estive lá há muitos anos, dando um pequeno curso e trouxe de lá muitos conhecimentos de campo, mas também muitas memórias sobre a Geografia Humana sofrida dos sertões, já que eu saía de Crato e ia para Juazeiro do Norte, e depois me adentrava um pouco nas caatingas. - É, esse honroso encargo que vocês estão tendo de fazer uma entrevista tão longe de Crato, dentro da minha casa, me leva a pensar um pouco na trajetória da minha vida.

Eu, tenho esse nome de Aziz Nacib Ab'Saber, que o nome de sheik árabe, não falo nada em árabe, não leio e não falo, e eu vou explicar porque que esse nome apareceu. Meu pai quando veio pela segunda vez ao Brasil, ele começou a mascatear nos sertões florestados aqui da região do Alto Vale da Paraíba e casou-se com uma pessoa da roça, também de primeiras letras; ele não sabia escrever em português, nem ler e escrevia muito bem em árabe, e a minha mãe era de primeiras letras, Ieda Juventina Maria Iudis. E na hora de registrar o Aziz o homem do cartório perguntou, - que nome o senhor vai dá para o seu filho? Ai ele disse, - eu quero o nome Aziz, que é um nome muito querido lá no Líbano né, - então eu quero Aziz, - Aziz filho de quem? - meu Nacib, - e o senhor de que família é? - da família Ab'Saber, lá do Líbano, então ficou Aziz Nacib Ab'Saber.

O itinerário do meu pai que é muito interessante pra ser falado hoje, no momento em que eu recebo esse honroso convite dos colegas e companheiros lá de Crato, foi o seguinte: ele nasceu em uma vila no vale do Beqaa, o vale do Beqaa é uma depressão colinosa, depois do monte Líbano e fica entre o Antilíbano, que separa o Líbano da Síria e o monte Líbano, e o meu pai nasceu lá em um lugar chamado Kafara Omai, Kafara quer dizer aldeia, e depois de alguma idade 12 anos, 13 anos ele começou a se movimentar, não parou na casa dos pais; foi pra Zahle, que é uma cidade turística nos sopés do monte Líbano do lado do Beqaa, e depois foi pra Beirute e um dia conseguiu chegar até Jerusalém, de forma que o Nacibinho, com menos de 15 anos já conhecia uma porção de áreas e foi por isso que a minha vó pediu a ele, quando ele completou 15 anos, que ele viesse ao Brasil para buscar o meu avó, que estava ficando tempo demais aqui no Brasil e a minha vó tinha medo que ele gostasse de alguma brasileira bonita e não voltasse mais para o Líbano e assim o Nacibinho atravessou o Mediterrâneo e o Atlântico e chegou ao Rio.

Eu estou contando essa história como sendo uma geografia do migrante, através da história do meu pai eu como geógrafo, posso contar um tipo de acontecimento que foi muito geral. Só para vocês terem uma ideia do problema de quem vinha de fora naquele tempo, não tinha mapas, não tinha bússolas, não sabiam falar o português e chegando no Rio de Janeiro, na hora que todo mundo do navio se dispersou ele ficou sozinho na Praça da Alfândega; ele dizia foi doloroso, e ai começou a andar no entorno da praça para não se perder, e procurando um árabe pela feição e ao invés de encontrar um árabe encontrou uma árabe, porque tem as feições bem indiscutíveis, pelos olhos sortudos e falou com ela, minha senhora eu estou aqui desesperado porque eu quero ver como é que eu faço para ir pra Taubaté, em São Paulo, e depois de Taubaté quero ir até São Luís do Paraitinga. Ela deu umas risadinhas e disse olha, você faz o seguinte pega essa rua direta aqui, quando chega em uma outra que forma um T com essa, você quebra a esquerda e vai até a Estação da Central do Brasil, e lá então você, você vai trocar uns dinheirinhos aqui na Praça da Alfândega porque se não, não dá pra você no interior do Brasil, ai você dá um dinheiro médio que você pense que sirva para pagar o trem e diz assim

pro bilheteiro Taubaté - não fale muito porque esses bilheteiros não gostam muito de falar-; e ele lhe dá o bilhete você embarca e vai a Taubaté, em Taubaté você procura saber como é que chega em São Luís do Paraitinga. Ele queria ir a São Luís porque era na roça de São Luís que estava o meu avô, com uma casa comercial pequena vendendo aqueles produtos híbridos, um armazém de secos e molhados que eles chamavam, tinha coisas para alimentos e tinham outras coisas também, desde cadernos e algumas roupas, etc. Chegou lá um dos tropeiros levou ele até a lojinha do irmão, e ele espertamente, ele tinha umas coisas só dele, chegou e disse: - Olha eu vim do Líbano agora e eu queria que você me desse uma explicação, sobre como eu posso montar uma lojinha que nem a sua, pra sobreviver aqui. Aí o irmão deu um murro na mesa e disse: -O que? Você vem lá do Líbano querendo competir comigo, aqui já não tem clientela o suficiente para eu sobreviver vem falar nisso? Aí ele se declarou irmão e foi uma festa!

Então voltou pro Rio com meu avô e lá ficaram em uma pensão esperando o primeiro navio para o Líbano, e aí não tinha mais problemas; meu avô tinha vendido todas as coisas, trocou em libras naquele tempo, não era o dólar que predominava no mundo e voltou pro Líbano. Bom, ao chegar lá em Kafara o Nacibinho foi tido como herói, um rapaz de 15 anos, atravessar o Atlântico, Mediterrâneo, chegar num país distante chamado Brasil e conseguir descobrir o pai, meu avô, e levá-lo pro Líbano, isso foi uma festa. Se fala tão bem do Brasil, lá não tem brigas, conflitos religiosos, não tem isso não tem aquilo, e que nós temos aqui infelizmente, e que eu acho que o Nacibinho deve voltar, e se integrar lá com o irmão dele e com a irmã que vai um dia pra lá também, não pode permanecer no país tão perigoso e com tanto conflito religioso, político-religioso. E foi assim que o Nacibinho voltou, dessa vez ele voltou por Santos.

Ele foi procurar serviço aqui na região de São Paulo, na área do gasômetro, porque soube que lá tinha marcenaria e entre as diversas coisas que ele aprendeu né - a ler, escrever, esgrimar, aprendeu marcenaria, com os Beduínos no entrono do mercadão antigo de Beirute, então ele foi lá se oferecer e eles aceitaram pagando pra ele um precinho aviltado, e ele, com isso, ele pagava a pensão pra ele e pro irmão lá no Tatuapé. Essa é a história do Nacibinho, depois ele vai para São Luís de novo, começa a mascatear, comprava as coisas em Taubaté que ele já conhecia bem, e lá em São Luís primeiro nasceu a minha irmãzinha, que não durou muito, morreu com poucos meses e depois eu, eu nasci em 1924.

Eles sempre iam a Aparecida do Norte, pra fazer visitação na famosa igreja de Aparecida, eram muito religiosos e também pra comprar coisinhas, livrinhos, medalhinhas, etc., no comercio que faziam entorno da igreja. Em chegando lá, o Nacib e a Juventina foram em uma das casas, e era de uma senhora e a senhora falou em árabe com meu pai: - Ué mas porque que você se casou com brasileira, se poderia ter se casado com uma árabe, mandava buscar lá no Líbano!... - eles mandavam buscar as moças pra casar sabe - ai a minha mãe sem saber nada de árabe percebeu a frase , quando saíram na calçada ela já disse, - Nacib fica proibido qualquer fala em turco na nossa casa, e isso foi permanente por muitos e muitos anos, nunca se falou uma palavra árabe porque a Dona Juventina teve essa ideia e esse episódio lá em Aparecida do Norte. Essa é a razão porque eu não falo nada de árabe.

Curiosamente o meu pai também não escrevia... sempre que tinha que escrever qualquer coisa era em árabe, mas teve a ideia de assinar o Estado de São Paulo, esse jornalão que nós temos aqui, até hoje e que eu também assino até hoje. Sebe em que nome ele pois o jornal, sempre agradando o Aziz... então o primeiro assinante do Estado de São Paulo há 80, 75 anos atrás, foi o Aziz Nacib Ab'Saber, orgulhoso né. Então o jornal ficava disponível, pra quem?,

pra ele não, que ele não lia muito, mas ficava disponível para os fazendeiro das cidadezinhas dos arredores de São Luís, que vinham até a casa do meu pai para comprar algumas mercadorias, mas com o tempo se acostumaram a vir para se sentar na porta da loja, sábado por exemplo, e ficar lendo o jornal, o único jornal que chegava em São Luís com notícias dos mundo E o meu pai assinou um jornal aqui , feito aqui em São Paulo, chamado A Esfinge que era em árabe, inteirinho. Um jornal em português e um jornal em árabe.

Então é uma longa história do migrante, mas agora é preciso a gente passar para a minha própria história.

Quando foi chegando o período que eu deveria começar a estudar no grupo escolar, já que eu nunca tive nenhuma pessoa pra me ensinar nada, meu pai resolveu mudar de cidade, ir para Caçapava, mas na última semana resolveu ir a Ubatuba, para mostrar o mar para minha mãe, então eu fico pensando, ele que tinha visto o mar, desde Beirute até o Rio, desde Beirute até Santos, ele tinha pena de quem nunca tinha visto o mar, então contatou lá com um fazendeiro amigo e alguns camaradas e se fez uma pequena tropinha para ir até Ubatuba, uma viagem difícil, que eles chamavam de sertão de Ubatuba, os sertões. A palavra sertões foi aplicada a qualquer zona muito interiorizada e semi-marginalizada, hoje o sertão para nós é apenas o sertão semiárido lá dos Cariris a Juazeiro, de Juazeiro até os confins do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, etc. Essa viagem marcou minha vida, porque eu também nem imaginava o que era o mar. Chegando em Ubatuba a gente se alojou todo mundo em uma casa alugada por poucos dias, todo mundo dormindo no chão, acolchoadinho qualquer ocasional e no outro dia fomos ver o mar, ver a cidade, a igreja atual de Ubatuba dava pra um terreno limpo de terra batida, depois nós fomos até o Perequê, naquele tempo o Perequê era a praia de banho, porque a praia frontal da restinga de Ubatuba, chamada Iperoig era praia de tombo, areia solta, perigosa pra banho, então quem queria tomar banho de mar, atravessava o rio Ubatuba e ia até Perequê, por trás de um morro, e lá em Perequê tinha um bom lugar, dentro de uma espécie de nova enseada, que tinha lá, hoje eu sei que aquelas duas enseadas que chegavam até o morro formava uma feição geográfica, chamada tómbolo e complexo porque a margem direita do tómbolo saia a boca do rio Ubatuba com dois percursos, pedaços de curso de água. Então a primeira viagem minha pelo mundo, foi aos seis anos para conhecer o mar na região do Ubatuba e daí por diante vai começar um itinerário infundado.

Devo dizer que em Caçapava eu fui colocado em grupo escolar, o Grupo Escolar Rui Barbosa, eu e um primo meu, mas nós éramos reconhecidos como trutinhas, tínhamos que sair correndo no fim das aulas para igreja ficar meia hora, 40 minutos na igreja até que os outros meninos fossem embora, para depois irmos para nossa casa, porque ficou na minha memória como uma discriminação muito triste para crianças, são as tais discriminações que podem marcar uma pessoa. Bom, em Caçapava não tinha Ginásio, então nos tinha depois do grupo escolar, ter que fazer uma espécie de vestibularzinho para estudar em Taubaté, de novo Taubaté na história da minha família. Então fiz o vestibularzinho passei e fui estudar em Taubaté por dois anos e meios; no fim dos dois anos e meio apareceu um grupo de pessoas que conseguiu que o Governo pusesse um Ginásio em Caçapava e aí eu me transferi por Ginásio de Caçapava e terminei o meu curso, quando eu estava terminando o meu curso, eu percebi algumas coisas sobre professores... Vieram alguns professores extraordinários e eu me entusiasmei pelo curso de História, que era dado por um professor que depois mudou para Campinas, chamado Hilton Frederich, que eu jamais esquecerei, nunca mais encontrei ele, mas não esqueço. E ele dava uma História extremamente rica, era a História em face do território onde os acontecimentos se processavam. Então falando, por exemplo, da migração árabe até o norte da África e depois da

invasão da península ibérica... Ai eu adorei essa ligação entre os acontecimentos e os espaços percorridos e até hoje eu penso muito nisso.

Bom, baseado nesse reconhecimento de uma situação, eu resolvi vir fazer História e Geografia na USP. Naquele tempo a faculdade já estava bastante evoluída, exigia Geografia, História, todas as Geografias, a Geografia Humana Geral, a Geografia Urbana, a Geografia Econômica, etc. todas as Histórias, História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e pedia ainda para o vestibular conhecimento dos elementos de sociologia e ainda desenho, tinha que saber desenhar, por causa da Geografia e da Cartografia e também solicitava um pouco de elementos de Cartografia, e eu só tinha o Ginásio Tradicional, eu fiz o exame vestibular, tive medias assim 5.0, 6.0, 5.0, 4.5, 6.0, e no desenho eu tirei 10.0. Eles não tinham muita diferenciação de pontos para cada tipo de exame, então somava tudo e dividia. No fim eu passei em segundo lugar no curso de História e Geografia, o que também me criou problemas porque os outros que tinha feito o Ginásio aqui em São Paulo e em outros lugares, e que fizeram o chamado colégio universitário, dois anos a mais que o Ginásio, eles ficaram muito enciumados de ver uma pessoa que só teve o Ginásio para estudar e que passou com notas as vezes acima de alguns deles. Aí, eu vim para São Paulo fiquei na pensão na Alameda Gleite, na Zona Sub-central de São Paulo, com dificuldades, as mais difíceis, até roupas eu não tinha pra dormir melhor um pouco, minha mãe ficava fazendo acolchoado, mandando pelo trem até a estação Roosevelt, eu ia buscas as vezes um acolchoado para poder vencer o frio de São Paulo no período mais frio.

Vou dizer para você, foi um período de muito estudo e fazer paralelamente o serviço militar lá em Quitauna. Eu adoeci bastante, tive um problema muito sério. Em Quitauna era um tipo de regimento de artilharia, então tinha uns canhãozinhos que a gente tinha que pôr em cima do lombos do burrinhos, e aquilo era pesado, depois tirar, eu tive um problema de rins muito sério, que também teve consequências brutas... eu estive 6 meses parado, e só sobrevivi por uma coisa: minha mãe a Dona Juventina, não teve outra ideia, ela disse: -vamos embora para São Paulo, Nacib. Aziz está lá e eu quero estar perto dele, então pegou os filhos todos, os outros dois de São Luís e três que tinham nascido em Caçapava e veio com os cinco filhos aqui para o Tatuapé, que era o único bairro que o meu pai conhecia, ficamos em uma pequena casa, onde tinha uma lanchonetezinha muito simples e uma espécie de sacolãozinho de frutas, que o meu pai ia comprar todo dia lá na zona do mercado de São Paulo.

Então foram sofridos os primeiros tempos, mas aconteceu uma coisa inicial muito boa, no dia em que eu fui até a faculdade, para ver no corredor os quadros das notas, então vi lá minha nota e tal, mas embaixo estava escrito assim: “Segunda-Feira venham com roupa adequada para uma excursão de campo”. E era o primeiro dia de aula de Geografia Humana do professor Monbeig1. Segunda-feira eu apareci com minha roupa que já era sempre a mesmo, muito simplesinha, cheguei lá eles puseram a gente dentro de um ônibus e fomos fazer a primeira excursão, ao invés de aula oral, aula mesmo, houve uma aula caminhante, ao longo do caminho com observações de campo. Eu achei aquilo maravilhoso, foi aquilo que decidiu a minha sorte para ser Geografo, observações de campo e notem bem, de um modo muito simples, enquanto todo mundo estava lá, conversando no ônibus, etc. eu estava observando as paisagens, desde a região aqui das proximidades do Jaraguá até Salto de Itu, de Salto até Campinas, de Campinas voltando por outro itinerário. E marcou minha vida essa excursão. A partir daí, qualquer viagem que eu fazia, era anotando fatos que eu via na paisagem. Como eu ainda não tinha um conhecimento geológico muito amplo, eu cuidava de saber qual era o conjunto geológico de cada área e observava um pouco dos solos, vermelho, amarelo, etc., mas

ficava nisso. Quanto à paisagem não, eu descrevia razoavelmente a paisagem e, por isso mesmo, algumas excursões foram suficientemente aproveitadas para fazer os primeiros trabalhos.

A questão de descrever uma paisagem, alguma coisa, é muito séria, mas eu, ao longo dos tempos, tive a felicidade de gostar de imagem de satélite, então tudo aquilo que eu observei linearmente ao longo de um itinerário linear, agora eu posso ver em área e com isso dá para interpretar muitas coisas da paisagem. Mas hoje eu trabalho em outras coisas mais, que eu vou contar já. Os primeiros trabalhos foram feitos devido a uma excursão muito produtiva que eu realizei com dois colegas até o sudoeste de Goiás. Existia um colega nosso, já professor, com mais idade que nós, que nos incentivou a fazer uma viagem até Aragarças, lá no sudoeste de Goiás, zona extremada, onde o Rio Araguaia recebia o Rio das Garças, do outro lado já era o Mato Grosso. Ele tinha estado, enquanto jovem, lá em Mato Grosso, e se falava muito da região do cerrado e dos fatos ocorridos nas cidades mato-grossenses, que nos incentivou a fazermos a primeira viagem longa independentemente de professores, e essa viagem marcou a minha vida, porque eu passei a conhecer o primeiro domínio de natureza, fora o domínio dos morros florestados, escarpas, tipo Serra do Mar, etc.

E o resultado é que eu ia em excursões com eles todos, e o pessoal de História Natural, as aulas de Geologia, Paleontologia era para História Natural e eu, como geógrafo, aproveitava delas, me incluí nelas para fazer uma espécie de trabalho de especialização. E como as moças não entendiam muito bem o que o Professor Caster² dizia, e eu tinha maior conhecimento na parte assim de campo, eu repetia para as moças o que o Professor Caster dizia, ficava num canto e as mocinhas assim, ele disse isso e isso, isso significa isso e tal e ainda acrescentava algumas coisas minhas próprias porque eu já sabia observar a paisagem e o resultado que o Miguel Costa um dia chegou para o Professor Caster, baixinho, na hora da excursão e disse: - o senhor conhece aquele “magrão” alto que está lá? - Como não?! - Pois bem, ele repete as suas aulas para as moças de História Natural, entende muito bem de Geologia e de Paleontologia e ele me parece uma pessoa muito interessada em ciências. Ai o Caster virou para ele e disse: - Se pensa eu sou bobo, já percebi muito bem quem é aquele “magrão” que você está falando. Aliás, vamos fazer um negócio: pede pra ele vir falar comigo lá no meu gabinete da edícula do antigo prédio da Alameda Glete onde funcionava o História Natural, que eu preciso falar com ele. - Pois bem, eu vou te oferecer uma coisa: saiu daqui o nosso jardineiro, se aposentou, sobrou esse lugar dentro do quadro, você aceitaria o lugar de jardineiro para ser um assistente meu, não vai ser jardineiro é claro, você vai ser um assistente meu, enquanto os meus assistentes mais antigos e já bastante bem preparados vão ser professores sêniores. Então eu aceitei o cargo de jardineiro, mas eu sabia que os professores da Geografia que trabalhavam lá na Escola Caetano de Campos, terceiro andar, ficariam sabendo disso. E ficaram sabendo, na realidade, e por isso me chamaram e deram um jeito de eu passar de jardineiro para técnico de laboratório, técnico de laboratório. E, com isso, eu fiquei demasiadamente nesse cargo, ganhando muito pouco, comparado com as necessidades da minha família. Eu não era reconhecido como professor, eu era reconhecido como uma pessoa competente, porém não era professor. Fiz doutorado, continuei no mesmo cargo, técnico de laboratório e depois quando chegou na livre docência, o Professor Aroldo me disse, - Não tem mais jeito Aziz, agora você vai ter que aceitar o cargo de professor livre docente. E foi assim a minha carreira, em 60 isso aconteceu, eu entrei lá de jardineiro em 47 e só em 65 é que eu virei professor e nesse tempo todo eu continuei pesquisando pelas mais variadas regiões do país.

Bom, agora é chegada a hora de falar sobre o Nordeste, conhecendo o domínio dos morros, da região de São Luís do Paraitinga, o Alto Vale do Paraíba, etc. e a Serra do Mar e

conhecendo o domínio dos Cerrados, desde o Triângulo Mineiro até Aragarças, eu tinha um verdadeiro empenho em conhecer mais uma região diferente dessas... e essa região foi o Nordeste Seco! Houve a oportunidade de ir, através da AGB, Associação dos Geógrafos Brasileiros, até Recife, pra poder depois ter uma reunião em Campina Grande. E nessa excursão extraordinária é que eu pude chegar até o sertão, sertão semiárido, sertão seco. E o itinerário foi curioso, porque nós chegamos lá em Recife, tinham uns médicos e outras pessoas que souberam que tinha vindo gente de São Paulo da Universidade, fizeram uma reunião e um dos médicos famosos da cidade, virou e disse: - O que vocês vão fazer lá em Campina Grande? Vocês tem que ficar aqui mesmo, fazer essa reunião aqui. Depois de Campina Grande é o sertão, não tem o que fazer lá! Ele não entendia nem que nós éramos geógrafos e queríamos conhecer, não a Zona da Mata apenas, nem a cidade de Recife, nós queríamos conhecer o interior desde Campina Grande até onde fosse possível. E essa viagem então marcou a minha vida definitivamente, porque saindo de Campina Grande na direção do interior, para o Oeste, a região entre Recife e Campina Grande a gente sobre uma encosta de morro, como se fosse uma meia Serra do Mar e depois chega no Planalto da Borborema e tem umas depressõezinhas um pouco mais pronunciadas que também são secas, de resto tem agrestes e matas.

Pois bem, saindo depois de Campina Grande para fazer excursões eu cheguei até Soledade, de Soledade eu fui até uma pequena cidade da Borborema Ocidental, que se não me engano era Juazeirinho, e de Juazeirinho - eu não estou muito certo do nome-, de Juazeirinho nós descemos para a depressão de Patos, ai pela primeira vez eu vi o alto sertão, um rebaixamento grande da Borborema para o oeste e colinas ocupadas por caatingas de diferentes tipos, uns morros isolados no meio da paisagem, do tipo dos pães-de-açúcar, mas que eu já sabia que cujo o nome internacional era Inselberg, montes ilhados, como tinham sido observados na África, e em Patos, Patos de Espinhara, eu tive a possibilidade de sentir a diferença entre o Cerrado, o domínio dos Morros e o domínio verdadeiro do semiárido brasileiro, que era os sertões rebaixados contínuos até grandes espaços. E chegamos também, mais tarde, em outras excursões, até Serra Talhada, passamos pela borda da Serra Talhada e fomos por uma pequena área chamada Serra de São Pedro e cheguei a Crato, e de Crato passei a subir a escarpa da Chapada do Araripe e lá em cima eu encontrei Cerradões, então o esquema meu já estava bem organizado: Cerrado, Cerradões e Campestres e encimeiras, o Nordeste Seco rebaixamentos, principalmente rebaixamentos extensivos e recoberto de caatingas, então caatinga no baixo que eles chamam de alto sertão, mas que na realidade era baixo e Cerradão no reverso da Chapada do Araripe depois de umas escarpas areníticas muito íngremes. E a partir daí eu fiquei com o desejo de continuar entender o Araripe. E o Araripe para mim é motivo de uma verdadeira repetitividade de pesquisas, porque hoje eu tenho lá no Instituto de Estudos Avançados, a imagem de satélite que pega desde Crato até Campo Sales, de Campo Sales desce para outro alto sertão e finalmente a gente chega até Picos, no Piauí. Essa imagem dá um verdadeiro trabalho de Doutorado! Só para que o pessoal de Crato saiba quanto honroso é a lembrança de meu nome, eu devo dizer que se eu tivesse que fazer realmente um novo doutorado, invés de escolher “Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo”, porque foi o que eu pude fazer, eu não tinha dinheiro para pesquisar longe, se eu tivesse hoje que fazer o doutorado eu iria escolher de Juazeiro, Crato, borda leste do Araripe, cerradões, cerradinhos, cerrados misturado com caatinga, caatinga com trechos de carrascos, depois uma zona muito semiárida, de altura que é Campo Sales, de Campo Sales ia descer para a depressão que fica entre borda oeste do Araripe e as primeiras escarpas da região do Ibiapaba atingindo a cidade de Picos.

Eu voltei a fazer esse itinerário em outras ocasiões, mas, curiosamente, por causa da própria imagem de satélite - que tem muito mais coisas demonstradas no espaço regional ao norte, ao sul, leste, oeste - eu titubeei. Era preciso que eu voltasse com a imagem e pesquisasse nos diferentes entornos da Chapada do Araripe e não ficasse apenas no transecto leste, oeste, de Crato até Campo Sales. E nessa excursão eu fui tendo noções dos problemas... quando eu cheguei a Campo Sales muito distante de Crato, andando pela rua junto com dois colegas, muito moço, encontrei um cidadão baixinho; eu fui falar com ele para pedir algumas informações e ele era o delegado... daí a pouco já apareceu dois soldados, - Está tudo bem senhor delegado?, com medo que a gente fosse gente terrorista ou pré-terrorista, e aí o delegado disse: -Já que vocês são lá da Universidade de São Paulo, tinha um jeito de encontrar água para nós aqui nessa cidade, porque aqui não tem mais cobertura sedimentar, de Crato até próximo daqui é a Chapada do Araripe com encosta sedimentares do Cretáceo, (ele não sabia se era Cretáceo!), mas quando chega aqui aflora terrenos cristalinos e não tem água, em subsuperfície e não tem rios e não tem nada, e nós sofremos muito... e além disso se sofre com outros problemas, há poucos dias mataram o dono do hotel que vocês estão hospedados e por isso que os soldados vieram saber o que que era esse nosso encontro no meio de uma pracinha de terra batida. Então, foi fundamental na história da minha vida o conhecimento do Nordeste Seco e tenho produzido muitos trabalhos com aspectos diferentes, mas sempre me fixando na questão de uma democratização do conhecimento, aqui o maciço antigo, Borborema, acolá a Chapada do Araripe mais adiante a Chapada da Ibiapaba até perto dos confins do noroeste do Ceará, no Rio Grande do Norte a Chapada do Apodi, entremeando isso alguns pequenos maciços cristalinos, Serra de Santana no Rio Grande do Norte e outros lugares de pequenos maciços com ilhas de umidade no seu topo e massas, então, domina a caatinga por toda parte baixa, entra um pouco, lá até Soledade perto de Campina Grande e dos Cariris Velhos em depressões do próprio Planalto da Borborema, mas resto, matas a leste da Borborema, sudeste da Borborema, na região de Quixadá no maciço a noroeste da Borborema e depois vários pequenos maciços tem ilhas de umidade com florestas, de tal maneira que o quadro é um mosaico muito complexo e quando eu fiz a Teoria dos Redutos Florestais, eu percebi que lá foi um reduto, deve ter havido um tempo em que essas matas eram mais contínuas e por isso depois que o clima seco penetrou por entre esses maciços mais altos, os remanescentes de vegetação ficaram aqui, ali, acolá.

Então, vamos terminar aqui dizendo que, eu primeiro conheci o Mar de Morros, depois o Cerrado e felizmente para mim, eu conheci através de excursões extraordinárias que estão na minha memória permanentemente. Eu conheci os sertões semiáridos e dentro daquele estilo de pesquisa que marcou minha vida, observações de campo e registro de fatos que nem sempre foram observados por outros. Quando nós estávamos no Recife para poder chegar em Campina Grande e fazer excursões mais adiante, alguém nos disse: - Mas, aí pelo interior não vale, é sertão não interessa e era no sertão que estava no meu interesse de geógrafo, de cidadão e de homem que tem que pensar em todos os brasileiros que se projetam pelas mais variadas regiões desse país. A minha filosofia, eu quero que o pessoal dos Cariris Velhos em Crato saibam, eu aprendi muito cedo sem ter uma religião praticante, mas uma ética quase religiosa, é que ninguém escolhe o ventre para nascer, o lugar geográfico para nascer, a condição socioeconômica para nascer, a condição sociocultural, ela nasce onde o acaso determinar e às vezes eu fico pensando, que a figura de Deus que tanto está embutida no meu coração e na minha alma, tem um problema, é que não pode controlar o lugar onde as pessoas nascem, nascem em lugares muito pobres e muito rústicos, como os sertões do Nordeste ou a beira dos igarapés na Amazônia ou nas periferias das grandes cidades como é o caso de São Paulo, onde surgem favelas imensas seguidamente e difíceis de serem reurbanizadas.

Nesse sentido, as outras regiões que eu vim a conhecer depois, muito complexas, de difícil penetração, as zonas das caatingas podem ter caminhos e estradas por toda parte, mas na Amazônia as coisas eram muito mais complexas e eu não vou falar hoje das minhas pesquisas na Amazônia. Depois eu fiz algumas viagens ao planalto das Araucárias entre o Paraná e Santa Catarina e mais tarde às pradarias mistas do Rio Grande do Sul e a Serra Gaúcha, que é uma exceção porque no meio de pradarias de altitudes e pradarias baixas que vão até o Uruguai, tem uma serra florestada, e como chegou lá essa mata de tipo tropical em plena região subtropical, esse é um dos assuntos que eu venho tratando, por causa das questões de aquecimento global.

O pessoal que está discutindo aquecimento global, só se fixa em três problemas, eles dizem que o aquecimento vai fazer derruir a Floresta Amazônica e entrar o Cerrado por lá, uma hipótese absurda. Mas não é absurdo porém, levar em conta o que está acontecendo na devastação das florestas da Amazônia, ao longo dos caminhos, dos ramais, dos sub-ramais, das espinhelas de peixes e das saltações de grandes fazendas no coração da selva e eles não falam, preferem dizer, vai derruir a Amazônia, o aquecimento, e vai favorecer a entrada do Cerrado. No momento, já está havendo uma savanização antrópica em muitas áreas da Amazônia, sendo que a derruição de floresta já alcançou um nível de espaço que cuja somatória equivale a duas vezes ao Estado de São Paulo. Muito grave, em poucas dezenas de anos, 25 anos mais ou menos, então, o que será do futuro e não vejo falar que vai ser o aquecimento global que vai criar essa savanização. O pessoal já mudou, primeiros eles falaram na entrada do Cerrado, agora eles estão falando em savanização. Savanização é aparentemente um sub-deserto com uma vegetação rasteira, nas savana da África são campestres iguais os nossos, iguais os que tem na Roraima por exemplo, lavado, pontilhadas por baobases, etc. lá na África, e aqui os campestres não tem quase nada, tem apenas florestas galerias, campestres baixos da Roraima e também do Sudoeste de Goiás extremo, eles tem só florestas galerias, são similares em termos de Savanas, mas diferentes em termos de florestas galerias e não presença de grandes arvores isoladas.

O segundo argumento é que eles esquecem de levar em conta a grande Corrente Tropical quente que vem do Atlântico Central e encurva-se, passando por toda costa brasileira até o sudeste de Santa Catarina. Essa corrente quente é que é responsável pela umidade que entra hoje no território das escarpas, dos tabuleiros e outros lugares no Brasil chamado tropical-atlântico. Então há uma evaporação muito grande das águas que já são quentes e durante o calor dos dias evapora mais água e tudo isso é empurrado do mar para o continente, então há uma umidificação penetradora até certos espaços. O aquecimento global tão discutido não leva em conta as correntes... então, quando houve, no meio do Holoceno, um período muito quente chamado ótimo climático, o mar esteve a mais de 3 metros, não existia ainda as planícies de restinga de hoje que são pós-ótimo climático. Pois bem, nessa época o mar subiu e a umidade continuou muito para dentro e muito para o sul, tanto que fez chegar até o Rio Grande do Sul a Mata Atlântica que está na Serra Gaúcha, sendo que lá na Serra Gaúcha ela permaneceu mesmo com um recuo pequeno da Corrente Tropical Atlântica, porque lá tem basaltos que se decompõe e dão um solo muito bom e tem os ventos úmidos que vem do Sul, batem diretamente na Serra Gaúcha, ela é leste-oeste, voltada para o Sul e os ventos úmidos ali chegando auxiliam na permanência da floresta de forma que a gente vai encontrar um reduto de tropicalidade muito especial que sobrou dentro do território gaúcho entre áreas de pradarias de cimeiras - Vacaria e etc. - e as grandes áreas de pradarias mistas que vão até o Uruguai.

O terceiro argumento diz respeito às dificuldades que as pessoas têm para distinguir fatos geográficos. Um dia desses, um cidadão que eu quero muito bem, disse que “a prova que a Amazônia vai ser diluída é que 30% da ilha de Marajó vai desaparecer”. Bom a baía de Marajó

está dentro da área costeira, toda vez que o mar subir, na costa inteira do Brasil vai criar problema de água sobre os esporões baixos da pré-Serra do Mar e a região lá das barreiras do Nordeste e vai entrar pela boca norte e boca sul do rio Amazonas e portanto vai derruir os campos submersíveis de Marajó, que ocupa apenas 30,35% da área total, mas não vai derruir a floresta, porque lá é um campo, é raso. Tem um problema lá muito sério que é que o rio Amazonas transporta uma carga de sedimentos finos argilosos fantástica, forma um véu enorme na frente do rio e se espalhando em leque como se fosse uma nuvem dentro da água, a argila, e é tão grande a quantidade de argilas trazida pelo Amazonas, que o mar se chama Mar Dulce, é uma água, cuja a água salina foi amenizada ou quase totalmente pelos materiais trazidos pelo rio Amazonas, isso também me levou a pensar que, desde há muito tempo, o clima é tropical úmido e o aquecimento global não vai derruir as florestas amazônicas, embora claro, tudo aquilo que é costeiro, tal como vai acontecer em todas as áreas do país, se houver ascensão do nível do mar, vai haver problemas sérios para a zona litorânea, inclusive os campos submersíveis serão os primeiros a correr um risco muito grande.

Hoje se fala muito no negócio do aquecimento global de um modo totalmente incompetente, derruição dos campos submersíveis, derruição das matas do extremo Sul do Brasil, em lugar inclusive que não tem mata. Um cidadão um dia desses, deu uma entrevista para o Folha dizendo que 60% das outras regiões do extremo sul País vai ser derruída durante o aquecimento global, só que ele não sabe que nos altos do estado de Santa Catarina e do Uruguai, é o Planalto das Araucárias com muitos setores campestres e de bosques maiores ou menores de araucárias no conjunto e sub-bosques tropicais. Mas fiquei furioso, um rapaz (pedante) conheço ele, diz uma bobagem dessas e muito menos no Rio Grande do Sul onde dominam pradarias mistas no topo do Platô de Vacaria e tal, ao redor e pradarias mistas extensivas de Santa Maria da Boca do Monte e vai até o Uruguai, então ele não estudou nada dessas coisas, e alegando conhecimento falou numa derruição da Mata Atlântica em lugar que não tem matas atlânticas. É difícil a gente trabalhar com pessoa que não estudam que não conhecem o País, que não fizeram uma trajetória de reconhecimento dos ecossistemas do Brasil. Eu escrevi um livro agora chamado Ecossistemas Brasileiros, dirigido exatamente para ver se as pessoas começam a entender alguma coisa de científico sobre Ecossistema. No Jornal apareceu assim, Aziz Ab'Saber fez um livro, com muitas paisagens, que não são minhas, são do Marigo3, porém um texto muito árido. Ciência é considerada árida, eles preferem erros monumentais como os que vêm acontecendo sobre o aquecimento global por pessoas que tem que cuidar um pouco mais da sua biografia cultural.

Eu já escrevi na Revista da USP, chamada Revista da USP, de número 70, eu escrevi um artigo sobre a questão da transposição de águas do São Francisco, mostrando que não é como o Governo disse e nem seus capatazes dizem, que a transposição de águas do São Francisco vai doar água para todos. A área do Nordeste Seco é 750.000 km² e a área que possa receber água é a área de algumas longas bacias, como o do Jaguaribe, onde já estive por várias vezes, não se pode dizer que as águas vão resolver o problema do semiárido; então inventaram uma porção de projetos integrados e depois é que vieram saber que no São Francisco tem águas poluídas porque ele é muito longo, passa por muitas áreas e tudo que sai das cidades é jogado para as águas do São Francisco e. sobretudo. no seu afluente na margem direita, um rio que vem desde da região de Belo Horizonte e chega até o São Francisco, e também esse rio passa por regiões sidero-metalúrgicas e recebe a poluição vindo de uma grande cidade e de outras, de forma que nós não podemos dizer que essa água vá servir para beber, ela poderá servir parcialmente para irrigação. No entanto, gastar milhões dizendo que vai resolver o problema do semiárido, é uma expressão criminosa, absurda, indecente, eu não tenho mais nomes para falar sobre essa ideia

política demagógica que pretende dizer que a transposição de águas resolve o problema do semiárido. O semiárido tem tantos problemas. As águas estão poluídas, aí então disseram que vão gastar um dinheiro bastante grande para despoluir, para – como é que eles dizem?... - revitalizar o São Francisco, o que é uma mentira. Porque ninguém revitaliza um rio tão longo e caudaloso, em vários lugares, sem conhecer todos os seus setores; então o rio São Francisco tem uma cabeceira mais ou menos úmida, depois atravessa Cerrados com imensos pastos, depois entra no semiárido a partir de Januária, Barra, até além de Xingó, e nessa área tem um paleo-deserto, que é o Paleo-deserto de Xique-Xique, que eu reexaminei, eu o vi há muito tempo, e fiquei chateado das pessoas não o citarem nunca, esse campo de dunas que tem 6.700 km² de área, um verdadeiro paleo-deserto, então eu escrevi um trabalho recente na revista do Instituto de Estudos Avançados da USP sobre isso.

Então quando o antecessor de Dom Capió⁴ lá em Barra, o bispo de Barra, Dom Itamar⁵ dizia: - vamos lembrar aos senhores Governantes que a pobreza nessa região semiárida que nós vivemos é muito grande, e a população se restringe a beirada dos rios - são chamados de beiradeiros inclusive, classicamente – e, portanto, tem que cuidar da gente também e não pensar apenas em transpor águas para um Estado que tem inclusive solos melhores que os nossos. Então tem que se pensar melhor o projeto. O problema meu é esse, o projeto é ruim, feito por gente muito especializada, mas completamente ignorante em termos de interdisciplinaridade.

Eu achava que quando Lula subiu, ele devia de organizar uma equipe de trabalho, que fossem de pessoas conhecedoras do Nordeste, agrônomos, geólogos, geógrafos, que fosse para o Nordeste, para cada sertão, descobrir quais os problemas enfrentados por cada sertão, lá em cima Sobral, lá em baixo Juazeiro do Norte, lá a leste Russas, lá extremo sudoestes Campo Sales. E, de cada região dessa, eles deveriam fazer uma espécie de auditoria para entender os problemas, os problemas de água, os problemas de pobreza, problema de dificuldade de arranjar trabalho, a dificuldade de arranjar trabalho no período seco demais, períodos que eles chamam... quando é inverno em todo País, lá eles chamam de verão, porque é muito quente, mas astronomicamente corresponde ao inverno nosso. Então, depois que fizesse todas essas pesquisas de todos os sertões e não numa linha só, é porque eu participo do programa de planejamento dizendo que existem projetos pontuais, que são pontos, cidadezinhas etc. ou são linhas ao longo de um caminho, de uma estrada ou de um rio, como é o caso do Jaguaribe e outros projetos são areolares que pensam em toda a região para ser mais equânimes e pra ser mais democráticos e atender um maior número de comunidades e de pessoas, é assim que eu penso e, portanto, só depois de umas pesquisas de campo relacionadas com o conhecimento da chamada Geografia Humana sofrida dos sertões, é que nós poderíamos encontrar caminhos para mitigar um pouco o sofrimento da região nordestina. E a transposição das águas vai favorecer muito os proprietários da beira alta, que são os fazendeiros, e que não gostam de pagar nada para o Governo, então chegando a água lá eles vão conseguir colocar água nos seus pastos para o seu gado, só que eles não sabem que são águas poluídas que vão cair dentro do açude de Orós, que tem águas salinizadas e, portanto, não servem nem para o gado. E por outro lado, enquanto os fazendeiros pensão vão ser muito protegidos por causa da transposição de água, precisa ver cada frasezinha absurda que os adeptos da transposição têm dito pra gente por aqui, quando vem pra cá discutir o assunto: “é um fazendeiro disse: - será que eu posso fazer um jeito de tirar a água que vai chegar, pra colocar na beira alta da minha fazenda?”. Um, um só. E outro já falou o absurdo que, tendo água agora pode fazer alguns centros industriais importantes no meio dos sertões secos. Então é assim que se pensa o planejamento no Brasil e eu queria que o pessoal de Crato soubesse que eu considero essencial que os geógrafos participem de estudo básicos de planejamento nesse nível mais areolar e de interesse pra grupos humano de todas as

áreas e não ao longo de alguma coisa ou de um ponto qualquer, como já aconteceu no começo do Governo Lula, pegaram a cidadezinha do Piauí e disseram que estavam trabalhando para resolver problemas do Nordeste inteiro e agora centraram suas atenções em projeto antigo que é muito vaidoso do ponto de vista do Governo, eles vão dizer no futuro: - Viu? Esse projeto, essa ideia de transpor as águas já era antiga - falavam em transpor o próprio São Francisco, o rio inteiro -, mas eu agora ao fazer o projeto para transpor águas do São Francisco vou efetivamente realizar aquilo que outros transformaram em uma simples ideia que nunca caminhou, é de vaidade isso, de várias pessoas, e também de algumas que querem proteger os proprietários ruro-semiáridos da região.

Desde há muito tempo, eu apoio a causa dos trabalhadores sem-terra, porem tentando mostrar a eles uma prévia importante: se as áreas que puderem ser desapropriadas em lugares diferentes efetivamente forem divididas para os sem-terra, colocadas a favor dos sem-terra, como um conjunto e talvez um conjunto que possa ser repartido individualmente ou possa ser utilizado coletivamente, outros conjuntos, eu acho que precisa conhecer as realidades dessas regiões. Quando diz que a terra estava inativa é alguma coisa, mas quando diz que, a gente chegando lá, nós vamos nos fixar lá e não se diz como e o que fazer, quais as condições do solo, quais os produtos ideais para aquele tipo de área, climaticamente falando, qual a dinâmica climática da região etc. etc. Eu já vi assentamentos no alto sertão de Alagoas, não vai dar certo. O Governo não auxilia em nada, o Governo não orienta em nada, as casas de lavoura estão inteiramente a parte do processo. Então, sobre isso, eu acabo de escrever um pequeno trabalho na revista científica América Brasil, depois eu vou ver se depois eu tenho um pedaço ai, para mostrar que a prévia fundamental é saber o que vai fazer em face das condições topográficas e geocológicas de cada área. Não dá para comparar o alto sertão de Alagoas, com algumas áreas do Pontal de Paranapanema ou áreas do Rio Grande do Sul de solos de pradarias mistas muito melhores.

Eu tenho uma história inteira relacionada com biblioteca. Quando eu fui nomeado jardineiro do Departamento de Geologia e Paleontologia da USP, sobre o que eu já falei, a primeira coisa que eu fiz foi cuidar da biblioteca. Também tinha uma porção de livros, blocos de livros por todas as salas e eu reuni tudo aquilo e comecei a organizar. Fiquei por muito tempo tomando de conta da biblioteca, tanto que muita gente pensava que eu era bibliotecário, porque do outro lado tinha a mansão famosa dos naturalistas e tinha alguns professores que me viam de lá, sempre lhe dando com os livros, mesmo sendo jardineiro no princípio e prático de laboratório ao longo muito tempo. Muito tempo não, não disse a verdade, porque logo depois fui transferido para a Geografia e fiquei na Geografia por muitos anos. Pois note bem, esse gosto pelos livros me levou sempre a pensar que em uma cidade muito grande deveria ter mais bibliotecas. Houve um tempo que a única biblioteca visitada pelos alunos de Ginásio, de Colégio etc.. era a Mario de Andrade e no entorno inteiro de São Paulo não tinha uma biblioteca. Parece que os Governantes depois que sentiram que pode existir a internet, esqueceram da biblioteca. Só que a biblioteca é a matriz, é nos livros que estão a matriz e a internet é fragmentário... a pessoa vai procurar coisas que precisa, como um dicionário, mesmo padrão do dicionário, vou procurar a frase que eu preciso na internet, os fatos que eu preciso, com uma vantagem que é atualizado, mas os livros de ficção, literatura e outros são importantíssimos.

Então eu comecei junto com animador cultural muito complicado e até hoje está trabalhando - agora essa semana está trabalhando com os índios, foi visitar os índios do Jaraguá e está pensando em pedir pra CNBB um cuidado especial para os índios que estão sofrendo muito etc. E esse animador cultural é que teve a ideia de coletar livros nos bairros ricos. Tem

bairros em São Paulo que a comunidade habitante é tão rica que elas moravam em mansõezinhas ou sobradinhos bons, mas agora começaram a ver o crescimento de arranha céus bem bonitos de faixada e pensam que esses arranha céus bem bonitos de faixada, tem apartamentos muito bons quando são anunciados por preços razoáveis. Então na hora que eles compram e vão mudar eles pegam e deletam os livros, então tem um grande número de centros de coletas lá em Moema, Itaim, etc. e que esse animador cultural arranjou e eu ia buscar mesmo com dias de chuva, dias quentes, buscar as caixas desses livros coletados lá e distribuía para lugares dos mais variados. Só que eu não tive muita sorte porque eu não entendia bem o comportamento dos que receberam os livros. Eles querem sempre os livros, pode falar pra qualquer grupo de periferia, queremos os livros. Mas não tenho lugar pra guardar; segundo lugar, quando arranja um lugar, não tem ninguém para incentivar a leitura das crianças, dos adolescentes e também a leitura de grupos da própria comunidade. Uma pessoa lendo para um grupo um livro de Jorge Amado ou um livro de Graciliano Ramos ou um livro de outro grande escritor do Brasil, quer seja um Veríssimo quer seja certas produções aqui de São Paulo, Semana de Arte Moderna, dos membros da Semana de Arte Moderna, de Monteiro Lobato e etc. né.

Então eu cometi esse erro, não sabia como iria ser recebida a biblioteca no sentido de ser útil para crianças, adolescentes e adultos. E muitas delas ficaram lá com os livros guardados em estantes fechadas. Mas tivemos alguma sorte. Por exemplo, a biblioteca aqui da Penitenciária Feminina, o tal animador cultural, me disse: - Professor, porque não pode levar livro para biblioteca da Penitenciária Feminina? Aquelas moças não tem o que fazer lá e ficam sempre sendo dirigidas pra cá ou pra lá e cheias de problemas... quem sabe se a gente colocasse uma biblioteca lá seria útil pelo menos para uma parte das moças. Realmente útil para uma parte porque a maioria não sabe nem ler pelo que eu depois deduzi. Um dia depois da organização de levar muitos livros pra lá, eu fui visitar pra ver como é que a diretora fez, ela fez uma coisa magnífica, um terço dessa área aqui, comprou estantes, comprou um computador para poder registrar os livros, estava uma beleza, mas não tinha ninguém lendo, o que me impressionou. É preciso que haja um esforço, uma estratégia para conduzir as pessoas para a biblioteca seja qual delas que a gente venha a organizar e estabelecer. Mas um dia eu passei por lá e uma mocinha virou o rosto para mim e disse assim: - Nós não sabemos ler, a gente quer é gibi. Essa é a realidade, aquela realidade que eu falei a vocês, que ninguém escolhe lugar nenhum para nascer e precisa ser... todos são cidadãos, todos são humanos e merecem a nossa atenção de qualquer forma, quer na educação, quer na ampliação do mercado de trabalho, quer numa inserção mais correta dentro do campo do social.

Esse meu animador cultural complicado, veio me falar que nós precisávamos fazer muito esforço para que o pessoal não fosse bruscamente expulso do prédio que eles invadiram. É uma realidade: houve uma invasão. Mas de um prédio que estava lá exposto a tudo e sem ocupação econômica ou empresarial correta. Parece que os donos não pagaram os impostos e o prédio estava sub-judice para ser devolvido para a Prefeitura. É complicado. Ai então nós levamos muitas caixas de livros e chegamos lá já existia uma primeira reunião de livros pelo Severino. Severino descobriu livros - ele fazia catação de papelão, ele é nordestino - fazia catação de papelão e um dia encontrou no lixo uma série de volumes de livros, alguns até de boa qualidade embora muitos outros e ele levou lá para o Prestes Maia⁶, mas botou num canto, e quando nós levamos caixas e caixas de livros ele precisou ampliar e nós passamos a perceber que precisávamos levar também livros infantis e infanto-juvenis e com isso a gente ainda continuou levando livros infanto-juvenis e algumas revistas. O Severino vestiu a camisa da biblioteca - ele tem apenas uma formação primária - e se identificou com a organização da biblioteca projetada para crianças, adolescentes e adultos. A biblioteca cresceu, precisava aumentar, ela

fica dentro da antiga garagem, mas a garagem não pode dar mais espaço para a biblioteca por que é lá que fazem as reuniões, as assembleias dos sem teto, e sábado eles fazem algum evento musical ou poético, e muitas pessoas souberam dessa biblioteca e dessa invasão. Alguns vão lá e dizem eu sou contra a invasão, mas eu quero ver a biblioteca.

Ali foi uma lição pra esses governantes que nunca pensaram nisso. Por anos e anos eu falei na possibilidade de uma biblioteca lá no estacionamento da Assembleia Legislativa, eu sei que está tombado o prédio, a região, mas uma biblioteca tenho certeza que seria aprovada, então podia fazer um prédio sobre pilotis, com entradas a direita e a esquerda nos extremos e colocar uma biblioteca do outro lado da Avenida Paulista. A Mario de Andrade não consegue atender a cidade como um todo, e quem é que daqui onde eu moro vai frequentar a Mario de Andrade? E eu me lembro da bibliotecazinha que antecedeu a Mario de Andrade era ali na rua 7 de abril, num lugar que inicialmente foi um restaurantezinho de uns russos, depois foi transformado em biblioteca e tinha uma mesa só compridinha e a gente chegava lá e pedia o livro e ficava encolhido entre os outros e depois fizeram aquele magnífico prédio lá da Mario de Andrade e com o entorno jardinado. E tinha companheiros de estudos que não se conheciam entre si e outros que a gente conhecia. Florestam Fernandes eu conhecia bem, por que estudamos juntos na Faculdade de Filosofia no setor de Antropologia Cultural e ele era meu companheiro e me ensinava muitas coisas porque ele estava muito mais adiantado do que eu, ele veio pra São Paulo e ficou lá perto da Faculdade de Direito e usando de leituras permanentemente quando ele era garçom de um restaurantezinho. E foi lá que o pessoal da Faculdade de Direito da época percebeu a capacidade de estudos dele e sugeriu que ele fizesse - ele não tinha ainda o colégio completo - que ele fizesse um “curso de madureza”, como chamava antigamente cursos para adultos com o mesmo nível de titulação que se dava nos colégios. Então tenho memórias muito importantes sobre isso, além do que eu frequentava algumas bibliotecas como a da Faculdade de Direito que era excelente para ver os trabalhos que a gente não encontrava em nenhuma outra biblioteca. Um dia eu precisei dos trabalhos de Caio Padro Junior, a tese de livre docência dele, e fui lá na Faculdade de Direito e estava lá, deu pra ler um pouco, embora para mim naquele momento ainda incomum, não totalmente compreensível. Enfim, vale a pena a gente lutar pelos nossos ideais, pelos os nossos projetos sociais e criticar aqueles que não tem nenhuma capacidade de pensar no social à custa de projetos bem feitos, bem integrados e multidisciplinares.

Equipe de produção do vídeo: Adriano Capelo, Francisco Albuquerque e João Mauro Araújo - São Paulo, abril de 2007.

Transcrição: Maria Tayane Bomfim Lima; Revisão: Simone Cardoso Ribeiro – junho/julho de 2020.

NOTAS SOBRE A ENTREVISTA DO PROF AB'SABER

- 1- Pierre Monbeig, geógrafo francês, professor de Geografia da USP
- 2- Professor Kenneth Caster, especialista em Paleontologia, da Universidade de Cincinnati (Ohio) passou alguns anos lecionando na USP na década de 1940 (GOMES, C.B. Geologia USP 50anos. São Paulo: EdUsp/Inst Geociencias, 2007)
- 3- Luiz Claudio Marigo, fotógrafo do livro “Ecossistemas do Brasil”, com textos de Aziz Nacib Ab'Saber, e que foi publicado após esta entrevista, em 2009 pela Metalivros
- 4- Dom Frei Luís Flávio Cappio é um bispo católico brasileiro da Diocese de Barra, Bahia desde 1997. Nos anos de 2005 e 2007 ganhou as manchetes dos jornais ao fazer duas

greves de fome em protesto ao projeto de transposição do Rio São Francisco, do governo federal.

- 5- Itamar Navildo Vian, OFM Cap, capuchinho, bispo católico, Arcebispo Emérito de Feira de Santana. Foi bispo na Diocese de Barra, Bahia, de 1983 a 1995
- 6- Edifício Prestes Maia - prédio abandonado localizado no bairro da Luz, na cidade de São Paulo.